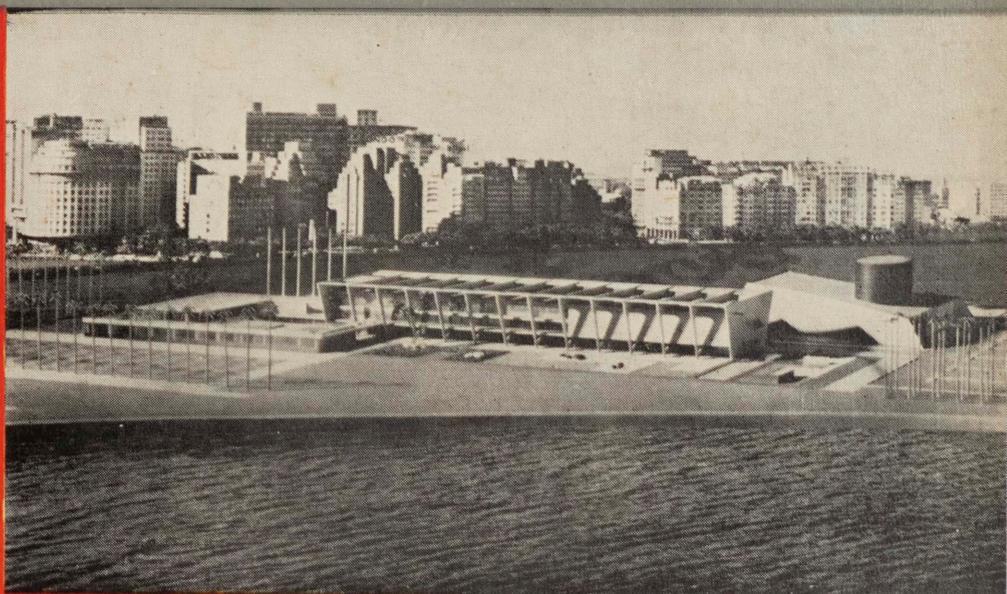
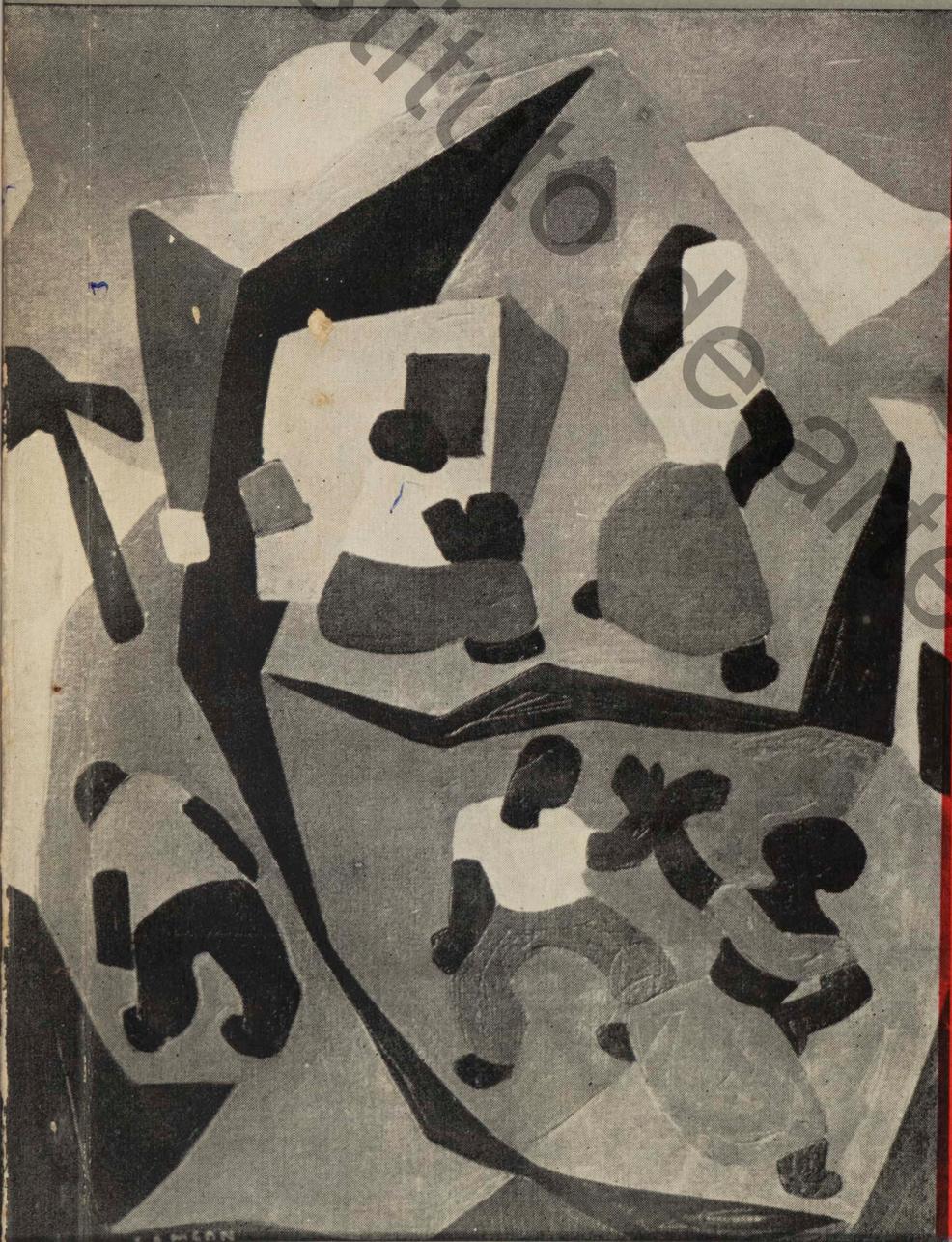


34

SETEMBRO - 1956

HABITAT

Arquitetura e Artes no Brasil



SUMÁRIO

Novas diretorias dos IAB	1
Oswaldo Goeldi — J.G.V.	2
Tarsila do Amaral — José Geraldo Vieira	4
A escultura antropomórfica de Antônio Rebouças	8
Mauro Francini	11
A metafísica mecanicista de Edoardo Belgrado — Manuel Germano	12
A exposição de Paulo Vale Junior	15
Cartões para tapeçaria	16
Genaro de Carvalho e a tapeçaria brasileira — Wilson Rocha	18
A pintora Olga Mary — Carnaval carioca	20
Jacques Douchez	22
A cerâmica dos índios Carajás — Mario Baldi	23
A influência do meio sobre o desenho infantil — Divo Mariano	26
Exposições, Museus e Galerias	30
Os móveis não ajudam... — Dra. Betti Katzenstein	31
Senado Federal, Rio de Janeiro: arq. Sergio W. Bernardes	32
Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro — arq. Affonso Eduardo Reidy	40
Teatro Municipal General San Martin, Buenos Aires — arqs. Mario Roberto Alvarez e Macedonio Oscar Ruiz	46
Igreja Evangélica em Berlim — arq. Frei Otto	50
Maquetas na arquitetura	52
Torre Universitária — arq. Rino Levi	54
Centro Profissional «La Parábola», Venezuela — arq. Rino Levi	56
Noticiário de arquitetura	57
Crônicas	62

ASSINATURAS

Brasil:

(12 números anuais) porte simples Cr\$ 400,00
(12 números anuais) porte registr. Cr\$ 460,00

Exterior:

(12 números anuais) porte registr. US\$ 15,00

NÚMEROS AVULSOS

Brasil:

Porte simples Cr\$ 40,00
Porte registr. Cr\$ 45,00

Exterior:

Porte registr. US\$ 1,50

NÚMEROS AVULSOS ATRASADOS

ANOS I - II - III - IV - V

Brasil:

Porte registr. Cr\$ 75,00

Exterior:

Porte registr. US\$ 1,75

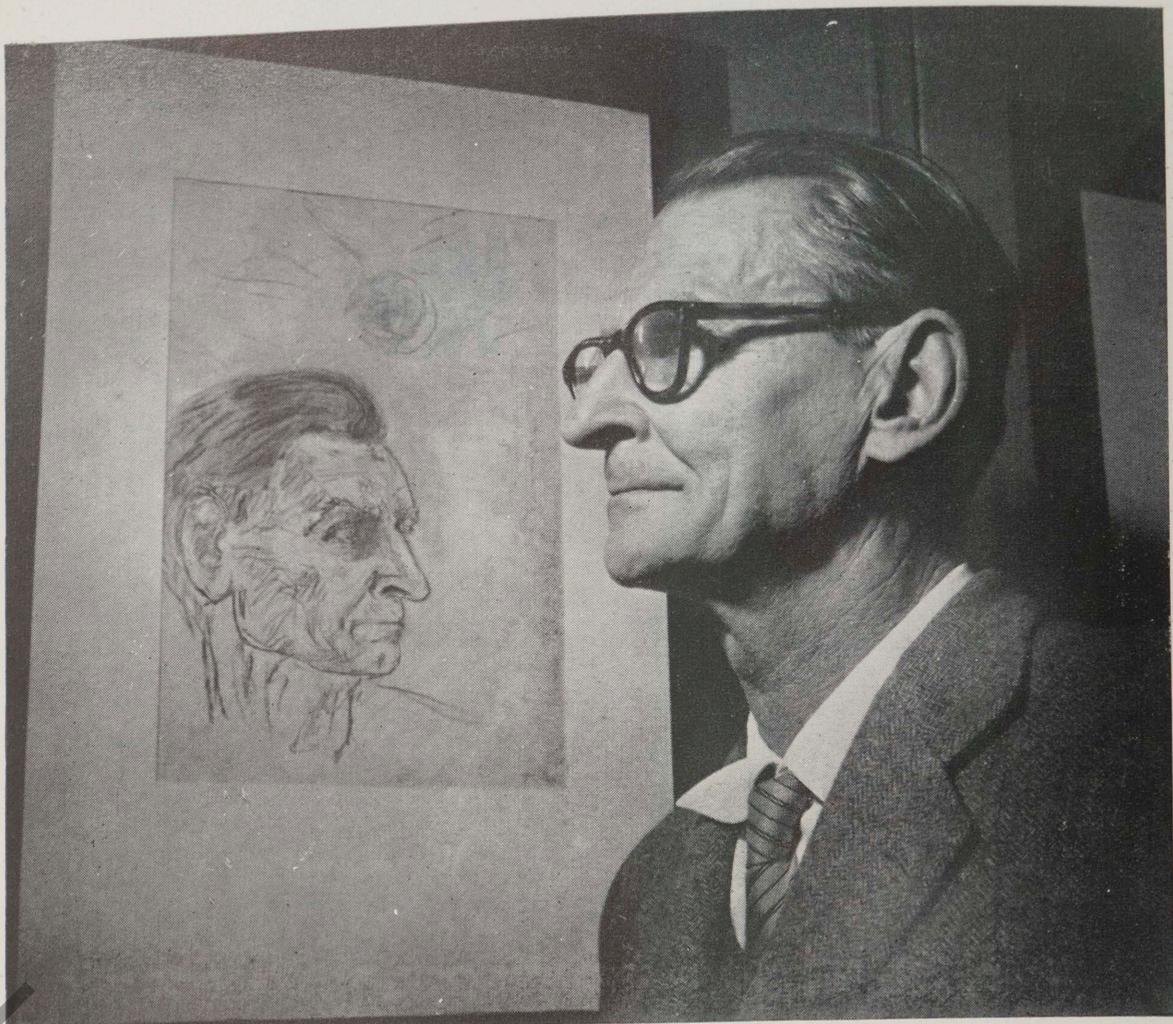
ANO VI

Brasil:

Porte registr. Cr\$ 65,00

Exterior

Porte registr. US\$ 1,75



Oswaldo Goeldi e o seu "Auto retrato".

Oswaldo Goeldi

J. G. V.

Tivemos em pouco tempo duas excelentes exposições de gravuras. Uma de Fayga Ostrower, no mês de agosto, e outra de Oswaldo Goeldi, no mês de setembro. Ambas no mesmo local: o Museu de Arte Moderna de São Paulo. O fato vai repetir-se no Rio, onde após a atual exposição da gravadora abstrata apresentará desenhos e gravuras o artista figurativo. Fayga Ostrower, Oswaldo Goeldi e Marcelo Grassmann constituem o triângulo isósceles da gravura nacional.

Artista de longo tirocínio, com renome internacional, Oswaldo Goeldi desde muito já firmou a sua maneira de interpretar e sentir um mundo anfíbio de mar e montanha, pescadores e notívagos, peixes e gatos, fachadas e quintais, árvores e estrélas. Seu fundo de tela e de suporte costuma ser a noite, a treva-solidão; no máximo juxtapõe a isso um fulgor misterioso de lampião de esquina de bairro, ou a gema de ovo de uma lua nostálgica. Seu temário gráfico e literário, individual e constante, é o Leblon de antes dos arranha-céus, ao tempo das velhas chácaras, dos sobrados burgueses tipo *art nouveau*, das mangueiras barrocas, das praças arcaicas, da longa tira de asfalto percorrendo o areal de Ipanema e Leblon rumo às rampas da estrada Niemeyer.

Exímio gravador que conhece tôdas as técnicas sobre as quais se debruça em sua banca de trabalho, Oswaldo Goeldi fez da xilografia para o bairro do Leblon o mesmo que Noel Rosa fez de certa música para o bairro de Vila Isabel.

O artista, agora sexagenário, adquiriu tamanho apuro de estilo próprio que se satisfaz com os seus processos para vincar atmosferas dramáticas e personagens típicos. Poderia, se quisesse, aventurar-se ao paroxismo de linhas e ritmos, especializar-se em

composições metódicamente abstratas e geométricas, passar o resto da existência procurando soluções gráficas no seu ateliê transformado em laboratório.

Nascido no Pará, cujo cenário compacto de águas e florestas forma uma realidade mágica que domina o homem; criado na Suíça, onde os Alpes Réticos lhe marginaram a juventude, Oswaldo Goeldi, desde cedo engravado nessas duas tremendas forças telúricas, não poderia eximir-se à natureza, para cair num formalismo gratuito e disponível. Por isso condiciona a sua arte a injunção objetiva de testemunha da paisagem e das criaturas. Se Utrillo só pintou quase Montmartre, onde viveu seus delírios, Goeldi desenha e grava o Leblon, onde envelhece diante do trópico.

Seus desenhos e suas gravuras constituem o romance gráfico daquele bairro carioca, e foi êsse testemunho que esteve exposto no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ali tendo sido inaugurado sem êxitos sociais zumbidores, e sim dentro de uma atmosfera de interesse analítico. Trata-se o presente acervo de uma variante do que foi apresentado na I Bienal (onde lhe coube o Grande Prêmio de Gravura) e que um album recente publicado pelo Ministério de Educação e Cultura registra como documentário de primeira categoria. Como documentário, sim, muito embora Goeldi não adote um realismo direto nem episódico. Sempre fiel à arte figurativa, foge porém à fixação tradicional, pois o que extrai da paisagem não é a sua exatidão fotográfica e inerte, mas certa atmosfera dramática que se embuça nas almas, nas casas, no litoral e na avenida rente às dunas, nos quintais e nas esquinas, nas chuvas e nas madrugadas. Sua gravura, por exemplo, podia ter sido, dada a sua paciência de artesão solitário,